

## **A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM OLHAR A PARTIR DO TEATRO DO OPRIMIDO**

Autor; Mádson Francisco da Silva  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Gomes da Silva

*Universidade de Pernambuco- Campus Mata Norte*  
*Universidade de Pernambuco- Campus Mata Norte*  
*E-mail: mamadson123@hotmail.com*  
*E-mail: fatimamaria18@gmail.com*

**Resumo:** O artigo a seguir trata-se de um recorte da dissertação intitulada por: O Teatro do Oprimido e o Enfrentamento à Violência Escolar. Nesse sentido, as discussões apontaram para importância da família na superação da violência escolar e na efetivação da educação como uma prática libertária e cidadã. A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa e instrumentalizou o Teatro do Oprimido para a coleta de dados, por isso, terá características narrativas. Por fim, os resultados da dissertação e deste artigo somam-se as possibilidades de superação da violência escolar, registro das formas e origens de algumas opressões, a contribuição da família nesse ciclo educacional e libertário, assim como incentivo e valorização do amor à vida.

Palavras-Chave: Família, Violência Escolar, Educação Libertadora, Teatro do Oprimido.

### **Introdução**

A violência escolar é um dos principais desafios da educação no século XXI. E embora esse tema seja bastante discutido em diversos espaços educacionais como na pós-graduação, grupos de pesquisas, graduação, movimentos escolares e até nas salas de aula, ninguém chegou à conclusão de uma forma definitiva de como enfrentar a violência vivenciada no ambiente escolar, caracterizada como uma forma de opressão entre os sujeitos agressores e agredidos. No entanto, mesmo que não seja possível extinguir a violência escolar, existem parcerias que podem ser firmadas com a escola e que são de legítima e efetiva contribuição para a superação da violência escolar, que a saber, entre elas, trata-se da vinculação entre família e escola. A propósito, a família é a primeira instituição formativa onde os sujeitos aprendem a ser e a viver no meio familiar e social.

Nessa perspectiva, este artigo surge com o propósito de reafirmar a educação como prática de enfrentamento à violência com o apoio familiar. E seu objetivo principal é refletir sobre a importância da família na efetivação de uma educação humanizada, libertária e emancipatória que serve de enfrentamento à violência e aos demais tipos de opressão vivenciada no âmbito da escola.

Desse modo, os itens a seguir serão apresentados como frutos de uma dissertação de mestrado (concluída), intitulada por: O Teatro do Oprimido e o Enfrentamento à Violência

Escolar, que registrou entre tantas opressões e parcerias, o papel significativo e transformador das famílias no processo de ensino e aprendizagem, mas, sobretudo, na superação da opressão e na edificação cidadã dos sujeitos por meio da educação.

## **Metodologia**

A propósito do caminho metodológico, a pesquisa que originou este artigo, trata-se da pesquisa qualitativa em educação, por se compreender na estrutura dessa escola de investigação possibilidades de adentramento na natureza investigada e participação do pesquisador no universo da pesquisa e, naturalmente, do objeto de estudo que é a violência escolar.

Nesse horizonte, Oliveira (2012) e Godoy (1995), compreendem a pesquisa qualitativa como um tipo de investigação que tem uma relevante contribuição para a realização de uma análise e reflexão dos fenômenos do campo empírico e que só podem ser compreendidos a partir de um adentramento no objeto de estudo.

A respeito dos instrumentos para a coleta de dados, foram eleitos o questionário e a observação participante como base. No entanto, para este artigo e toda dissertação que fomenta este texto, foi-se instrumentalizado o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, através de obras como Jogos para atores e não atores (2015) e Teatro do Oprimido (2013), como forma de atrair vinte estudantes e cinco professoras de duas escolas municipais de Nazaré da Mata – PE, para discussões em torno da violência escolar e formas de enfrentamento.

Boal (2015), ao elaborar o livro Jogos para atores e não atores, deixa claro para os leitores que:

O teatro do oprimido é uma forma de teatro, entre todas as outras. (...) Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores. Teatro é algo existente dentro de cada ser humano e pode ser praticado na solidão do elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. (BOAL, 2015, p.13)

Inferindo sobre essa posição de Boal, podemos dizer que a vida trata-se de uma grande história marcada por desafios constantes que nos conduzem as lutas, ora está é coletiva, ora ela é individual, mas de todo modo à tessitura que alinhava a existência é caracterizada por um cenário complexo de desdobramentos entre a opressão e a libertação. O autor deixa claro nesta citação referida, que apesar de tudo, todos nós somos atores, porque a vida é um espaço teatral que trata da realidade vital de cada sujeito em todas as suas dimensões.

Sendo assim, na pesquisa que ilumina esse artigo, concluiu-se que por meio do Teatro do Oprimido - TO foi possível fomentar as práticas de ensino e o processo de aprendizagem

dialogando com parceiros que estão em oposição à violência escolar, onde as oficinas do TO desenvolveram habilidades de escuta, sentidos corporais, visuais e reflexivos sobre as vivências opressoras experimentadas no ambiente escolar e em outros. E nesse sentido, o TO formou uma tomada de consciência, uma reformulação do pensamento e fomentou a força interior que existe dentro dos sujeitos, que fazem deles humanos constituídos de dignidade, de saberes, de sentimentos e de práticas diversas que fazem do homem e da mulher um ser livre e social, capaz de enfrentar a violência escolar como professor/a, estudante ou membro familiar.

Por fim, o caminho metodológico deste trabalho procurou refletir as situações violentas e o lugar da família nessas situações e desejou, assim como reitera em outros itens textuais, uma escola mais segura e sem tanta violência, uma escola que esteja enfrentando as opressões e torne-se a cada dia um espaço de recomeço e libertação para todos.

Assim sendo, a pesquisa caracterizou-se por oficinas do TO onde os participantes apresentavam teatralmente situações opressivas que ocorrem na escola, na família e na sociedade, com fins de repensar a violência e seus em tornos por meio de reflexões fomentadas por jogos teatrais de Boal (2015).

## **Resultados e Discussão**

### **A violência escolar e o papel da família**

A violência escolar é um objeto de estudo que vem sendo investigado com o passar do tempo e apresenta-se com diversas faces, oriunda de múltiplas dimensões como o processo de globalização, economia, política, desigualdade social e entre outros, porque a violência escolar está eminentemente enraizada a fatores externos que se manifestam na unidade educacional. Entretanto, em meio a todas essas dimensões, a família apresentou-se na investigação como uma possibilidade primordial no que toca a superação da violência, seja ela social, familiar, escolar ou de outra natureza.

Se observarmos qualquer escola do Brasil, em apenas um dia, poderemos registrar situações violentas. O mesmo acontece em pesquisas na internet subordinadas ao tema da violência escolar. Tudo isso se deve a desestruturação que todos nós estamos vivendo cotidianamente e que nos leva a situações opressivas como a indiferença, a falta de respeito com o outro, com o lugar e até consigo mesmo.

Nesse viés, as situações violentas na escola são motivadas por questões que poderiam ser resolvidas com diálogo e respeito, mas, infelizmente numa pequena proporção isso acontece. Mesmo não sendo natural, haja vista que não podemos naturalizar a violência, é

“comum” que os conflitos escolares sejam caracterizados pela indisposição dos estudantes ao conhecimento disciplinar, pela falta de respeito à raça, ao gênero, a opção sexual, religiosa, política e filosófica dos outros, pela imposição de poder sobre os objetos e sobre o outro para reafirmar a desvalia da identidade do sujeito como um Ser Mais, capaz de agir, refletir, fazer e refazer a história (FREIRE, 2014a/b), e assim, demonstrar seu poder como opressor no ambiente que é para ser libertador, a escola.

Desse modo referindo-se a violência escolar, Lopes considera que:

O termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar. O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo. (2005, p. 165)

Ou seja, a violência escolar ou a opressão vivenciada na escola nasce das situações externas e se manifestam na escola, por isso, ao se referir à violência escolar dizemos “na escola” e não “da escola”, haja vista, que os comportamentos e atitudes violentas realizadas nelas são muito mais motivadas por razões exteriores do que por condições internas das unidades educacionais. Nesse horizonte, a violência escolar relaciona-se as péssimas condições em que todos os sujeitos estão inseridos, incluindo a pobreza, roubos, assassinatos, desemprego e abandono social e familiar, que é o cerne desta discussão.

A propósito da família, Ferrari e Kaloustian (1994), apud Nascimento (2006) enfatizam que,

A família desempenha papel decisivo na educação formal e informal. Em seu espaço são absorvidos os valores éticos e humanitários, aprofundam-se os laços de solidariedade, constroem-se as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. É na família que os indivíduos se relacionam e trocam experiências, visto que ela é, ao mesmo tempo, um espaço de conflito cooperativo e um espaço determinante de bem-estar através da distribuição de recursos, passando muitas vezes a refletir diretamente dúvidas, aspirações e questões pessoais. Na família os filhos e demais membros encontram o espaço que lhes garantem a sobrevivência, desenvolvimento, bem-estar e proteção integral através de aportes afetivos e, sobretudo, materiais. (NASCIMENTO, 2006, p.2)



Inferindo sobre o texto acima, compreende-se que a família é essencial para a formação dos seus e que é no seu espaço que as pessoas devem aprender, primeiramente, os valores humanos como a ética e a solidariedade, que são primordiais para a superação da violência e a vivência pacífica entre todos em qualquer espaço. Assim, a família torna-se lugar da experiência vital caracterizada pela partilha e superação de conflitos, celebrações, tristezas, acolhimentos, reflexões, decisões e incentivos, sendo uma fortaleza para a sobrevivência e crescimento no mundo, que é totalmente desafiador.

O acompanhamento da família para uma pessoa é de extrema importância, porque com ela, o homem e a mulher não se sentem sós no mundo, especialmente, em momentos desafiantes em que se precisa de apoio, onde a família abraça, abriga, incentiva, acredita e valoriza a identidade e os propósitos que aquela pessoa construiu e assumiu coletivamente. Para essa pessoa é muito mais fácil vencer obstáculos ou até perder em diversas situações, porque para ambas as condições, ela terá uma família para lhe parabenizar pela conquista ou para lhe incentivar a recomeçar ou tomar outro caminho mais viável.

No entanto, se uma pessoa vive numa família que não lhe oferece condições de amorosidade, sustento, correção/orientação, valor e educação, para ela a violência é muito mais atraente do que a busca pelo sucesso e emancipação intrinsecamente referenciada no parágrafo anterior. Ou seja, trata-se da presença ausente da família, que por tantos motivos como distração em redes sociais, vícios, cansaço do trabalho e entre outros, não oportunizam tempo para estar com as crianças e adolescentes oferecendo-lhes amor, atenção as suas atividades escolares, brincadeiras, medos e desejos. Para essas crianças, adolescentes e até adultos, a solidão é um castigo que desestrutura sua autoestima, sua visão esperançada de mundo e das pessoas, onde o modelo de opressão é a identidade desejada para chamar atenção, adentrando na consciência daqueles que serão seus oprimidos a fim de reduzir e desvalorizar o outro que deverá está submetido as suas vontades (FREIRE, 2016).

### **Os participantes da pesquisa e suas relações com a família: desdobramentos no chão escolar**

Como dito no caminho metodológico, a maior parte desse estudo foi coletado por meio da instrumentalização do Teatro do Oprimido, por isso, que todos os itens desse trabalho têm características narrativas, embora aponte referenciais teóricos como no item anterior. Agora, a família será abordada em contextos escolares que se relacionam com a violência praticada entre estudantes na escola e em outros ambientes.

Durante a realização das oficinas do Teatro do Oprimido, instrumento de pesquisa, situações como a violência verbal, física e bullying sempre foram refletidas e a família enquanto espaço formativo estava em torno como um dos temas geradores da violência/opressão. Os estudantes, participantes deste estudo, afirmam que é na família que eles experimentam situações opressivas e que os levam a praticar a violência na escola de forma naturalizada, assim como também, naturalizar, aderir e se conformar com a violência imposta sobre si e sobre o outro. No tocante a essas dimensões, um estudante da pesquisa afirma oralmente em uma das oficinas que bate nas colegas da escola porque “é bom que elas compreendam sua obrigação de servir na casa e na cama” (ESTUDANTE 10, 2017) e que sobre as experiências familiares acha “é bom” quando seu pai agride fisicamente e oralmente sua madrasta.

Outro estudante demonstrou uma grande admiração e amor a seu pai. No entanto, tudo se encerra quando sua mãe passa a ser violentada pelo pai e por outras motivações ser preso, trazendo certo alívio para sua mãe. Neste viés, o estudante reiterou que o amor materno que ele recebe é mais forte e antecede o amor que ele sente pelo pai e que será capaz de pagar com vida, a paz de sua mãe, mesmo amando seu pai.

Os parágrafos anteriores trazem duas situações narradas no TO sobre a família e sua relação com a violência escolar. Na primeira narrativa, o estudante tem admiração por seu pai e concorda com suas práticas chegando a reproduzir na escola. Na segunda narrativa, o estudante mencionado, também apresenta admiração por seu pai, mas, é interrompido pela violência familiar que ainda não está resolvida, haja vista, que ele e sua mãe estão resolvidos a acolher o pai/marido em casa depois que ser solto da penitenciária, embora haja uma ameaça anunciada à vida do pai/marido pelo estudante/filho. Assim, mesmo que o último estudante não atue com violência na escola como o primeiro, sua vida está totalmente marcada pela violência e isso traz limitações para aprendizagem, para humanização e para emancipação como sujeito, como cidadão.

A respeito de outros estudantes que vivenciam a violência no ambiente familiar e que na escola age agressivamente, compreendemos que a dimensão geradora desse opressor é, por muitas vezes, vista por si e pelos outros como uma justificativa da ausência da família.

Os pais não se interessam em ver seu filho, como vai na escola. Não se interessa com nada da vida dele e muitas vezes os filhos só querem se sentir importante para os pais e quando não se sentem importantes procuram outros meios, mas que pena que esses meios não sejam os certos. No fundo eles são

inocentes, mas, não conseguem mais se libertar daquela vida errada que eles se meteram. (ESTUDANTE 2, 2017)

Em conformidade com o discurso do estudante 2 acima referido, é de se ressaltar a importância da família na escola e com a escola no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes e de sua formação humana. Enquanto que nessa perspectiva também se revela a ausência dos pais enquanto sujeitos da partilha, do carinho, do amor envolvente que sara as feridas da existência e supera as lacunas que tendem a ser preenchidas por enraizamentos da marginalização, da opressão vivenciada, mas que pode ser superada por meio da família e da educação.

Nessa relação, família e escola estreitam-se as possibilidades de humanização buscada pela educação libertadora, assim como também, pela família ou por alguns membros dela. Durante a investigação, os professores da rede municipal de ensino da cidade de Nazaré da Mata – PE, reafirmaram, em sua maioria que a educação é libertadora. No entanto, ela só pode ser se a família cumprir com sua parte, oferecendo responsabilidade, amorosidade, compromisso e abertura ao mundo, além de boas maneiras comportamentais que correspondem à ética e a solidariedade entre as pessoas.

Os resultados desse estudo, somam-se as possibilidades de superação da violência escolar, registro das formas e origens de algumas opressões, a contribuição da família nesse ciclo educacional e libertário, assim como incentivo e valorização do amor à vida.

## **Conclusões**

Concluimos este artigo, dizendo que a família não é totalmente responsável pela violência vivenciada no chão escolar. E embora tenhamos relatos que apontam isso, reiteramos que trata-se de situações isoladas, mesmo que sejam muitas e com características diferenciadas. No entanto, como falamos no primeiro item da discussão, a família é o primeiro lugar onde as pessoas se relacionam, superam desafios e encontram possibilidades de humanização e, assim, ser melhor para si e para os outros. A educação escolar tem sua função no mundo e sem ela todos nós seríamos “pior” do que somos hoje. Mas, com a escola sempre poderemos ser Mais, ser melhor, compreendendo a inconclusão que nos pertence, mas, buscando o complemento que é nossa emancipação. E tudo isso só será possível se a escola tiver a família como parceira, para que assim, possa atrair outras instituições para o enfrentamento da violência escolar e de qualquer outra natureza. Por fim, reiteramos que a família e a escola podem construir um mundo muito melhor do que temos hoje. Com muito mais amor, esperança e educação libertária.

## Referências

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**: Augusto Boal. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

\_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**: Augusto Boal. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Conscientização** / Paulo Freire ; tradução de Tiago José Risi Leme. – São Paulo Cortez, 2016. ISBN 978-85-2427-9

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade** / Paulo Freire. 36. ed. ver atual. – São Paulo: Paz e Terra, 2014a. ISBN 978-85-7753-165-3

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido** / Paulo Freire.-56. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b. ISBN 978-85-7753-1646

FERRARI, Mário; KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Introdução. In: KALOUSTIAN, Silvio Manoug. (Org.). **FAMÍLIA BRASILEIRA: a base de tudo**. 2. ed. São Paulo, SP (Brasil): Editora Cortez, Brasília, DF: UNICEF, 1994. p. 11-15.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. *RAE- Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3 , p.21, maio-junho 1995.

LOPES, A. A., Neto. (2005). *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06> Acesso em: 20 Agosto. 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa** 4. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2012.